



Espaço público

Migrações, uma história interessante para contar



Miriam Halpern Pereira

Ao visitar recentemente o Musée national de l'histoire de l'immigration (Paris), afigurei-me-me como incompreensível a inexistência de instituição similar em Portugal, um dos países com maior taxa de emigração no mundo e onde a imigração também é bem antiga. Desde longa data portugueses e portuguesas se dispersaram pelo mundo.

Um milhão de emigrantes partiu entre 1870 e 1930 para as Américas, principalmente para o Brasil. O período de maior emigração em absoluto situou-se entre 1955 e 1974, quando 1,6 milhões de emigrantes partiram em apenas 20 anos. O destino dominante tornara-se europeu, com destaque para a França (70%). De 1985 em diante, a República Federal Alemã, que fora o segundo destino preferencial na década de 60 (11%), adquire primazia (2/3) juntamente com a Suíça. Antes de Abril de 1974, exilados políticos, entre eles, centenas de jovens desertores e refractários, que se recusaram a participar na guerra colonial, tinham-se dispersado pelo mundo.

Portugal é também um país de imigração desde longa data. As migrações transfronteiriças, objecto de acordos bilaterais desde o final do século XIX, são difíceis de quantificar devido à dispensa de passaporte. Mas conhece-se a imigração de galegos para os serviços nas cidades e para as vindimas do Douro ou a ida de trabalhadores alentejanos para as minas de Rio Tinto em Espanha, entre outras.

Milhões de africanos circularam no espaço imperial português, em particular entre África e o Brasil, sob a forma de trabalho escravizado. Entre os 1551 e 1866, incluindo já as primeiras quatro décadas de Brasil independente, desembarcaram nos portos brasileiros um total estimado em mais 5,5 milhões de homens, mulheres e menores. Este tráfico sucedera ao circuito entre a costa guineense e as ilhas atlânticas, de S. Tomé às Canárias, Madeira e Açores. O trabalho escravizado, proibido em Portugal pelo Marquês de Pombal, também deixou marca na zona do Sado e na cidade de Lisboa. Uma outra comunidade, presente em Portugal desde o século XVI, é a composta por ciganos, vindos do sul de Espanha, alvo de expulsões e confinamentos ao longo do tempo, hoje de memória distante, sendo a sua integração progressiva.

Os muçulmanos, árabes, que dominaram a zona sul, incluindo Lisboa e Santarém, e a zona norte do Vale do Tejo durante quatro séculos (VIII-XII), foram incorporados no reino cristão de Portugal até à conversão forçada do século XV. Apenas se vieram constituir novas comunidades muçulmanas

após a descolonização, de origem predominantemente asiática, proveniente das antigas colónias portuguesas. Pela primeira vez, desde os tempos inquisitoriais, foi erguida uma mesquita em Portugal, no centro da cidade de Lisboa.

A reconstituição de comunidades judaicas, no Algarve, Açores e Lisboa, com origem em Gibraltar e Norte de África, foi viabilizada pela abolição da Inquisição em 1821 e, com a liberdade religiosa em tempos republicanos, a comunidade israelita de Lisboa foi legalizada e integraram judeus de proveniência europeia, em especial de países eslavos. Com a ascensão nazi e do fascismo italiano, a imigração judaica cresceu substancialmente, uma parte em trânsito.

Nas últimas quatro décadas, a par da persistente emigração, teve lugar uma crescente imigração de origem africana, brasileira, asiática, que veio preencher carências na restauração, hotelaria, transportes, serviços domésticos e nas actividades agrícolas. Têm também um papel determinante na renovação geracional num país marcadamente envelhecido.

Portugal, país de partida para uns e país de acolhimento para outros, tem uma história longa e variada de migrações no seu território, que merece ser contada. É uma história que se entrelaça no quotidiano das famílias nos nossos dias. Merece ser objecto de um museu dedicado ao tema das migrações na História de Portugal. O Musée national de l'histoire de l'immigration, que integra a emigração, apesar de secundária no caso francês, constitui um modelo interessante.

Instalado no Palais de la Porte Dorée, de estilo Arte Nova, única construção

sobrevivente da Exposição Colonial de 1931, substituiu o antigo museu das províncias ultramarinas. A memória colonial foi preservada, está presente no baixo-relevo exterior e no imenso salão do rés-do-chão, com paredes inteiramente cobertas dos frescos evocativos das "benesses" coloniais. É no andar superior que se encontra o museu. Abre com a evocação da emigração dos protestantes franceses, a que se segue a escravatura em França e nas colónias. A imigração de trabalhadores de países da Europa de Leste, desde o fim do século XIX, até refugiados da Espanha franquista e da Alemanha e Áustria nazis ilustram dois fenómenos distintos.

Após a Segunda Guerra Mundial, sucederam-se os italianos do Norte de Itália, os espanhóis e os portugueses. Após as independências dos países africanos, afluíram em larga escala imigrantes desses países, com destaque para os argelinos. Estes circuitos migratórios estão ilustrados em painéis de formato e cor variada, onde se



Falta-nos um Museu das Migrações na História de Portugal em Lisboa. Não seria dispendioso e teria uma função educativa e cívica fundamental

intercalam textos sucintos com reproduções de fotografias, publicações e alguns gráficos. Pequenas peças musicais são audíveis só por quem está junto do suporte e aciona um botão.

Na evocação da imigração portuguesa, encontramos o jornal de imigrantes *O Salto* e também o 25 de Abril, podendo ouvir-se a *Grândola*. Os cartazes das centrais sindicais e outras origens protestando contra a discriminação dos imigrantes ocupam uma zona destacada. A finalizar, a recente afluência de imigrantes é documentada por vídeos. Do conjunto, emana uma mensagem implícita contra a xenofobia e o racismo.

Em Portugal, existe em Vilar Formoso o excelente Memorial aos Refugiados e ao conselheiro Aristides Sousa Mendes. Em Fafe, existe um Museu das Migrações e das Comunidades, focado na emigração e na recolha de documentação e, em Matosinhos, o projecto do Museu da Diáspora, dedicado à língua portuguesa e às comunidades lusófonas, ambos relevantes. Falta-nos um Museu das Migrações na História de Portugal em Lisboa. Seria desnecessário um edifício de raiz: dispomos de espaços emblemáticos em bom estado de conservação, raramente utilizados: a Cordoaria, as Gares Marítimas de Alcântara ou da Rocha do Conde d'Óbidos, com as pinturas de José de Almada Negreiros, adequadas ao tema. Um museu deste tipo não seria dispendioso e teria uma função educativa e cívica fundamental, proporcionando uma visão adequada da História da formação de Portugal como país multiétnico.

Historiadora, Professora catedrática emérita CIES/Iscte-IUL

